

ultra**Violetas**

**ADEUS, PALHAÇOS
MORTOS**

PRÊMIOS



APRESENTAÇÃO

— ADEUS, PALHAÇOS MORTOS! É UMA ADAPTAÇÃO DA OBRA “PETIT BOULOT POUR VIEUX CLOWN” DO DRAMATURGO ROMENO MATEI VIȘNIEC. NESTE ESPETÁCULO A COMPANHIA ULTRAVIOLETA_S FAZ UMA RELEITURA CRÍTICA DE SUA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA NO UNIVERSO DO TEATRO POPULAR CIRCENSE, A PARTIR DA PROVOCAÇÃO DO DIRETOR JOSÉ ROBERTO JARDIM. O ESPETÁCULO É UMA ODE AO OFÍCIO DO ATOR E UMA PROFUNDA REFLEXÃO SOBRE OS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA CARREIRA DE ARTISTA. O PÚBLICO É CONVIDADO A OBSERVAR TRÊS VELHOS PALHAÇOS CONDENADOS A REVER SUAS ESCOLHAS ÉTICAS E ESTÉTICAS, NUM EXERCÍCIO INFINITO DE REFLEXÃO SOBRE A RESILIÊNCIA DO ARTISTA, A URGÊNCIA DA ARTE, E A FINITUDE DA VIDA.

—

SINOPSE



TRÊS GRANDES ARTISTAS CIRCENSES DO PASSADO ACIDENTALMENTE SE REENCONTRAM, DEPOIS DE MUITOS ANOS, EM UM TESTE DE UMA AGÊNCIA DE EMPREGOS. ELES SABEM QUE SOMENTE UM SERÁ O ESCOLHIDO.

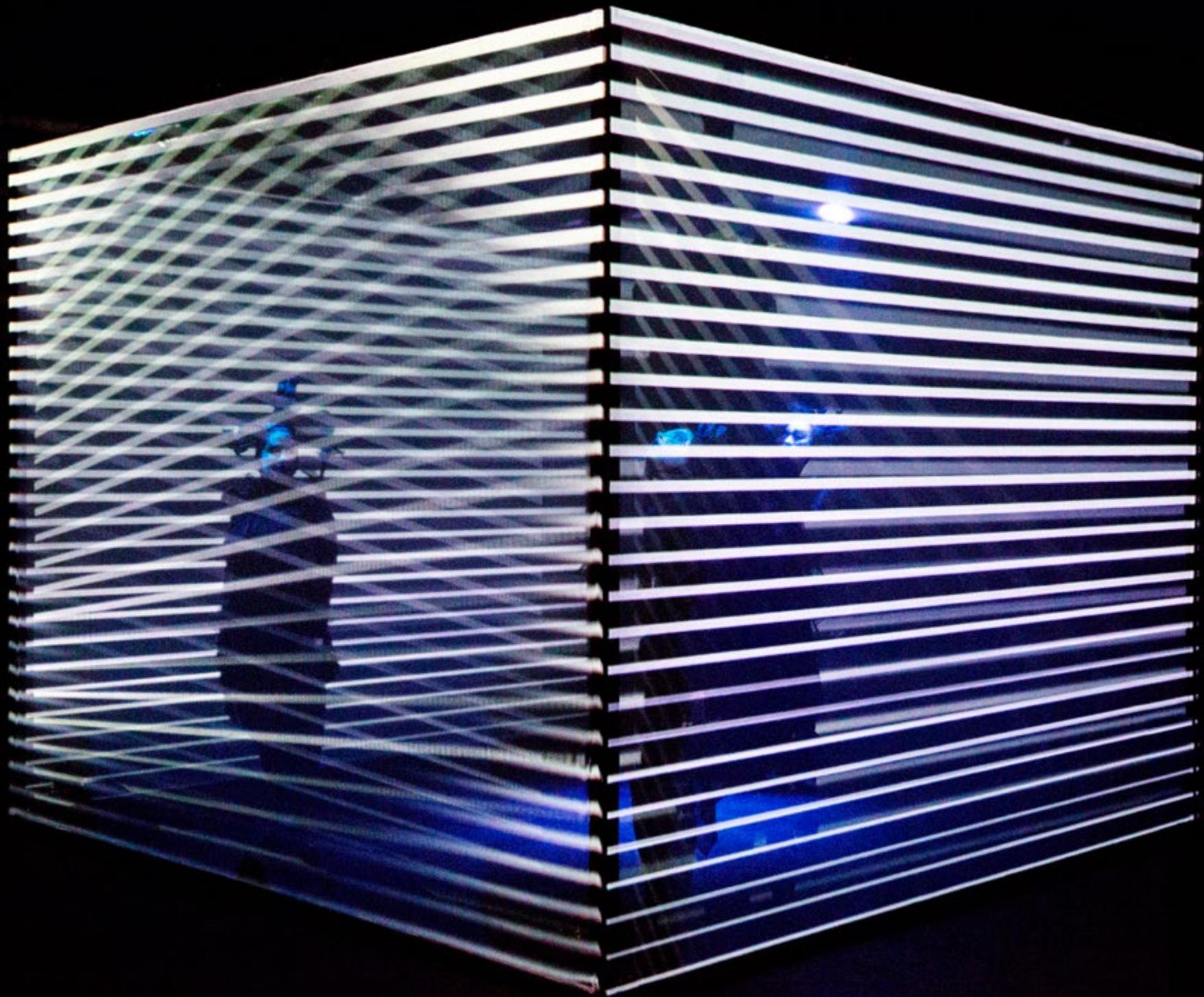


GÊNERO: TRAGICOMÉDIA

DURAÇÃO: 60 MINUTOS

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 12 ANOS





ENCENAÇÃO

ESTE É UM ESPETÁCULO CONTEMPORÂNEO, PROVOCATIVO E IMPACTANTE QUE EXPÕE ESTAS TRÊS FIGURAS EM UMA SEQUÊNCIA DE TABLEAUX VIVANTS, NOS QUAIS A ESTATICIDADE DOS CORPOS EM EMBATE DIALÉTICO COM A FLUIDEZ DE COMPOSIÇÕES VOCAIS BASTANTE DINÂMICAS, CRIAM RECORTES DESCONTÍNUOS NO ESPAÇO-TEMPO, DESLOCANDO ABRUPTAMENTE A PERCEPÇÃO DO ESPECTADOR ENTRE LEMBRANÇAS DOCES DE UMA VIDA DEVOTADA À ARTE E UM MEDO DE UM FUTURO DE INCERTEZAS, DECADÊNCIA E MORTE. O ESPAÇO-CÊNICO QUE ABRIGA ESTA ENCENAÇÃO É UM CUBO CUJA FACE FRONTAL E AS DUAS LATERAIS SÃO FECHADAS POR UMA FINA TELA QUE RECEBE A CADA CENA DIFERENTES VÍDEO-PROJEÇÕES MAPEADAS QUE ORA REVELAM E ORA ESCONDEM OS ATORES, E AJUDAM A CRIAR DESTA MANEIRA O NÃO-LUGAR NO QUAL ESTAS FIGURAS SE ENCONTRAM, UTILIZANDO-SE DE GRAFISMOS ABSTRATOS E DE TRECHOS DE VÍDEOS-DOCUMENTÁRIOS DE REGISTRO DA TRAJETÓRIA DA COMPANHIA ACADEMIA DE PALHAÇOS. TODA ESTA ENGRENAGEM COMPOSTA PELA INTERAÇÃO ENTRE VÍDEO E ATORES É REGIDA POR UMA TRILHA SONORA ELETROACÚSTICA BASTANTE VIOLENTA QUE AJUDA A CRIAR OS ABRUPTOS DESLOCAMENTOS ESPAÇOS-TEMPORAIS PROPOSTOS PELA ENCENAÇÃO.



ULTRAVIOLETA_S

TRÊS MULHERES: ATRIZES, GESTORAS, DIRETORAS ARTÍSTICAS, ILUMINADORAS, EDITORAS DE VÍDEO E FOTÓGRAFAS. INTERESSADAS NA INTERSECÇÃO DE DIFERENTES LINGUAGENS ARTÍSTICAS, HOJE INVESTIGAM A RELAÇÃO ENTRE TEATRO, ARTE-TECNOLOGIA, PROGRAMAÇÃO, VÍDEO ARTE E ESPAÇO URBANO. TEMATICAMENTE AS INTEGRANTES SE DEBRUÇAM, ATUALMENTE, EM QUESTÕES LIGADAS A FORMAS NÃO HEGEMÔNICAS DE EXISTÊNCIA NA TERRA, SENDO ELAS HUMANAS, VEGETAIS OU ANIMAIS.

MAS TUDO COMEÇOU BEM DIFERENTE, A COMPANHIA SURTIU EM 2007 CHAMADA ACADEMIA DE PALHAÇOS NA UNICAMP E POR SETE ANOS PESQUISOU A LINGUAGEM DO PALHAÇO E DO CIRCO TEATRO BRASILEIRO. EM 2016, COM A CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO *ADEUS, PALHAÇOS MORTOS*, O GRUPO RESSIGNIFICOU O MERGULHO NO TEATRO POPULAR E VERTICALIZOU A INTERSECÇÃO ENTRE TEATRO E ARTES VISUAIS. EM 2019, CRIOU O ESPETÁCULO *HÁ DIAS QUE NÃO MORRO* QUE DESDOBROU A MESMA BUSCA ESTÉTICA AO DISCUTIR OS APRISIONAMENTOS CONTEMPORÂNEOS E COLOCOU EM CENA UMA DRAMATURGIA INÉDITA. O ESPETÁCULO ESTREOU NO FESTIVAL INTERNACIONAL DE ANTÁLIA, NA TURQUIA E TEVE TEMPORADA DE ESTREIA NO BRASIL NO SESC POMPEIA. COM CARREIRA INTERNACIONAL MARCADA TAMBÉM PELA PARTICIPAÇÃO NO WORLD STAGE DESIGN EM TAIWAN, EM 2017, E EM OUTROS DOIS FESTIVAIS DE TEATRO NA TURQUIA, EM 2018, (TRABZON E ANTÁLIA) E ALGUNS PRÊMIOS ACUMULADOS (SHELL, APCA, APLAUSO BRASIL E OUTROS), O GRUPO BUSCA PROVOCAR FISSURAS ARTÍSTICAS NO COTIDIANO QUE DESEQUILIBREM O ESPECTADOR E LEMBREM-NO DE SUA CONDIÇÃO HUMANA.



FICHA TÉCNICA

— TEXTO ORIGINAL: MATEI VIŠNIEC

DIREÇÃO E ADAPTAÇÃO: JOSÉ ROBERTO JARDIM

ELENCO: LAÍZA DANTAS, PAULA HEMSI E MAURÍCIO SCHNEIDER

DIREÇÃO MUSICAL: TIAGO DE MELLO

TRILHA SONORA ORIGINAL AO VIVO: MURILO GIL

CENOGRAFIA E VÍDEO-INSTALAÇÃO: BIJARI

— FIGURINO: LINO VILLAVENTURA

VISAGISMO: LEOPOLDO PACHECO

ILUMINAÇÃO: PAULA HEMSI E JOSÉ ROBERTO JARDIM

ANIMAÇÕES EM VÍDEO: CARLOS PEDREAÑES

CENOTECNIA: LEO CEOLIN ESTUDIO

DESIGN GRÁFICO: BIJARI

— FOTOGRAFIA: VICTOR IEMINI

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO: ULTRAVIOLETA_S

REALIZAÇÃO: ULTRAVIOLETA_S



[CLIQUE AQUI PARA VER O TEASER](#)

Veja São Paulo Recomenda



Paula, Laiza e Pocidônio: artistas renegados pelos novos tempos

Teatro

Dirceu Alves Jr.

> Adeus, Palhaços Mortos!

AVALIAÇÃO ●●●●○

Em curva ascendente de produção, o paulistano José Roberto Jardim comprova que foi feliz ao privilegiar a carreira de encenador em relação à de ator na recente temporada. Depois de montar *Chet Baker*, *Apenas um Sopro* e *Não Contém Glúten*, o diretor dá um salto com a adaptação do conto *Um*

Trabalhinho para Velhos Palhaços, do romeno Matéi Visniec. A tragicomédia chega ao palco com contornos de drama. Ao lado do elenco da Academia de Palhaços, Jardim construiu um espetáculo provocativo na mensagem e encantador no visual. No centro da cena, um cubo recebe projeções frenéticas. Dentro dele, Lala e Pupa (vividas por Laiza Dantas e Paula Hems), artistas circenses em fim de carreira, reencontram-se depois de anos afastadas. O picadeiro, agora, é uma agência de empregos — e só há uma vaga em jogo. A rivalidade se intensifica com

a chegada de Poci (papel de Rodrigo Pocidônio), outro velho colega de olho no cargo. Como o recrutador nunca aparece, tal qual o Godot de Samuel Beckett, o trio destila mágoas e oferece um melancólico retrato dos artistas em contraste com os novos tempos (70min). 12 anos. Estreou em 15/7/2016. *Centro Cultural São Paulo — Sala Adoniran Barbosa (60 lugares). Rua Vergueiro, 1000, Paraíso. ☎ 3397-4002, 📍 Vergueiro. Sexta e sábado, 21h; domingo, 20h. Grátis. Ingressos distribuídos uma hora antes. Até domingo (7).*

veja **Rio**

vejarlo.com.br
17 de maio de 2017

Abriu

UMA MÃE DE PRESENTE

Adotado pela italiana Irene Zagni, Jadson, de 14 anos, trocou a vida violenta na favela por um futuro na Europa

TEATRO
Renata Magalhães | renata.magalhaes@abril.com.br

Confira mais espetáculos em cartaz na cidade em vejarlo.abril.com.br/teatro

CRÍTICA

Acerto pós-moderno

★★★★ **Adeus, Palhaços Mortos.** Sucesso da temporada teatral paulistana no ano passado, o espetáculo do grupo Academia de Palhaços trouxe ousadia experimental e frescor criativo ao circuito carioca. Na adaptação do conto *Um Trabalhinho para Velhos Palhaços*, do romeno Matei Visniec (autor de *O Último Godot*, já encenada na cidade), a direção precisa de José Roberto Jardim dá vida à história de três palhaços de circo que se reencontram em uma agência de empregos. Mordaz, a montagem reflete sobre o lado perecível da atividade artística, além de questionar o papel da própria criação nos dias de hoje — e conduz a plateia a um desfecho delicioso. Dentro de um cubo, cenário que é alvo de frenéticas projeções, os atores Laiza Dantas, Paula Hems e Rodrigo Pociódônio provam-se afiados, acompanhando perfeitamente os cortes de iluminação e da trilha sonora, executada ao vivo e nas alturas (protetores auriculares são oferecidos no início da sessão) pelo músico Tiago de Mello (70min), 12 anos. Sesc Copacabana, Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana. Quinta a sábado, 21h; domingo, 20h. R\$ 25,00. Até o dia 28.

POESIA NO PALCO
Elis Regina, João Donato e Nara Leão são alguns nomes que emprestaram sua voz à poesia de Abel Silva. Dono de uma rica trajetória, o compositor de *Juro Secreto* ganha homenagem na nona edição do projeto Ocupação Poética. Amigos de Abel, como Elisa Lucinda, Geraldo Azevedo e Antonio Cicero, vão protagonizar leituras dramatizadas de sua obra. Teatro Candido Mendes-Rua Joana Angélica, 63, Ipanema. Segunda (15), 20h. R\$ 20,00.

:D

Divirta-se

Nº 354 • 23/12 A 29/12 • 2016

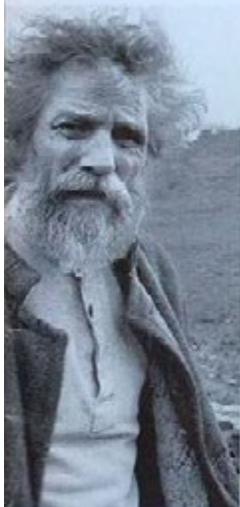


O ESTADO DE S. PAULO

NAS SOMBRAS Novo filme do italiano Marco Bellocchio mostra jornalista angustiado quanto à morte da mãe. PÁG. 25

NOITE FELIZ Para uma véspera de Natal diferente, uma seleção de festas em casas noturnas da capital. PÁG. 24

TEMPO LIVRE Na zona norte, novo espaço tem ringue de patinação, pista de skate e fliperamas antigos. PÁG. 49



Melhores do ano

Especialistas elegem as melhores atrações culturais e gastronômicas da cidade em 2016 Pág. 7



Capa

TEATRO ADULTO

1º Projeto Brasil

2º Nós / Leite Derramado

3º Adeus, Palhaços Mortos



Projeto Brasil reúne performances da Companhia Brasileira de Teatro

1º lugar

Gabriela Mellão

Crítica, autora e diretora de teatro

Projeto Brasil. Tor-na imprecisão arte, sustentando-se na impossibilidade de revelar um País múltiplo e contraditório.

Leandro Nunes

Repórter do 'Caderno 2'

Adeus, Palhaços Mortos. Combinação de direção, elenco, texto e artistas visuais embreça a arte e seu público.

Maria Eugênia de Menezes

Jornalista e crítica de teatro

Projeto Brasil. Em 2016, ninguém olhou de forma tão aguda e bonita para esse País em convulsão.

Wellington Andrade

Editor e crítico da revista Cult

Leite Derramado. Aquarela do Brasil descoloniza, sombria, a anunciar que as querelas do País são todas nossas.

2º lugar

Nós. O Grupo Galpão reinventa-se sem abandonar suas raízes, encorpadas em 34 anos de pesquisa e inquietude.

Nós. Dramaturgia urgente que interveio nos corpos virtuosos do elenco do Grupo Galpão é um marco.

Cabras—Cabeças que Voam, Cabeças que Rolam. Teatro em plenitude: apuro e paixão, técnica e descomedimento.

Trilogia do Subterrâneo. Enreda o espectador nas malhas da razão e, por outro lado, de uma ideologia sentimental.

3º lugar

Leite Derramado. Roberto Alvim expõe retratos tão absurdos quanto realistas da história do Brasil.

Projeto Brasil. O prazer delicioso de um teatro que tem a presença como engajamento artístico.

Amadores. A Cia. Hiato embarralha os juízos do espectador em uma obra cheia de verdade.

Solidão. A peça do Grupo Folias proporciona uma experiência de trágico otimismo ante a fatalidade.

Após crise, grupo questiona o próprio trabalho em peça

Academia de Palhaços muda rumos de pesquisa com adaptação de Matei Vişniec

Fogo destruiu Kombi em que se trupe apresentava; companhia trocou sua a linguagem popular por uma contemporânea

MARIA LUÍSA BARSANELLI
DE SÃO PAULO

Um acidente redefiniu o trabalho da Academia de Palhaços. O grupo, formado há nove anos por egressos do curso de artes cênicas da Unicamp, tinha como marca a lingua-

gem popular, encenando peças em uma Kombi adaptada.

Mas no ano passado um incêndio destruiu o veículo. A companhia entrou em crise e dois de seus cinco integrantes deixaram o grupo. Assim, Laíza Dantas, Paula Hemsí e Rodrigo Pociđônio, os três restantes, decidiram mudar o rumo de sua pesquisa.

O resultado, feito em parceria com o diretor José Roberto Jardim, está em "Adeus, Palhaços Mortos!", que acaba de estrear em São Paulo.

Trata-se de uma versão de

Jardim para a peça "Pequenos Trabalhos para Velhos Palhaços", do romeno Matei Vişniec, sobre três palhaços que se reencontram numa agência de empregos. Relembra seu passado glorioso, mas estão ali para disputar entre si uma única vaga.

O diretor viu no texto uma relação com a história do grupo, mas achou necessária uma adaptação. "Minimizei a questão da velhice e acentuei a discussão da arte", conta o encenador. "Queríamos fazer desse espetáculo um grande

ritual de passagem para eles."

Entraram referências a Beckett (também influência de Vişniec, cuja obra tange o absurdo), Shakespeare e ao fazer artístico. Como dizem os personagens em cena: "O negócio agora não é ser criterioso, é ser contemporâneo".

A linguagem se afasta do habitual popular da trupe. Com um texto todo fragmentado, os atores alternam momentos estáticos e movimentos rápidos—estes são acompanhados pela mudança brusca de luz e por sons que por vezes são repentinos, como claque, noutros, etéreos.

A iluminação foge do realismo. Num cubo transparente, dentro do qual ficam os atores, são projetadas luzes coloridas, de um visual psicodélico. "É como um mosaico, são fotogramas de lembranças deles", explica Jardim.

ADEUS, PALHAÇOS MORTOS!

QUANDO sex. e sáb., às 21h, dom., às 20h; até 7/8, no CCSP. Qua. e qui., às 21h; de 31/8 a 1º/9, no Tusp
ONDE CCSP, r. Vergueiro, 1.000, tel. (11) 3397-4002; Tusp, r. Maria Antônia, 294, tel. (11) 3123-5222
QUANTO grátis; 12 anos



Atriz Paula Hemsí no espetáculo 'Adeus, Palhaços Mortos!'

Teatro Estreias

Um cubo mágico que faz o tempo parar

Palhaços narram batalha pela arte em cenário com som eletroacústico e imagens que mudam mais de 500 vezes



Incêndio. No ano passado, grupo perdeu equipamentos

Leandro Nunes

Ao fim de cada número acrobático ou de mágica apresentado nos velhos circos, uma onda de aplausos costuma encher a tenda. Esse som produzido coletivamente se distingue com o barulho de uma única pessoa batendo palmas. Agora, imagine o som da batida de duas mãos executado ao contrário. Essa foi parte da alquimia sonora engendrada no espetáculo *Adeus, Palhaços Mortos*, que estreia nesta sexta-feira, dia 15.

A montagem da Academia dos Palhaços utilizou a peça *Um Trabalhinho para Velhos Palhaços*, do romeno Matci Visnec, sobre um trio de artistas circenses que se deparam com o fim de suas existências, de suas carreiras e da própria arte. O enredo veio a calhar já que o projeto iti-

nerante da companhia virou cinzas no ano passado: a perua Kombi que servia de palco e armazenava cenários e figurinos sofreu um problema mecânico e se incendiou. O episódio também desmanchou o elenco. Dos cinco atores, dois deixaram a companhia. Os sobreviventes decidiram encarar a obra de Visnec como uma revisão da trajetória da companhia, explica Rodrigo Pucidônio. "Foi uma forma de refletirmos sobre o fim da companhia e esse recomeço", diz o ator. O projeto original viajava com o automóvel que se tornava palco de apresentações com palhaços e outras típicas do teatro popular.

Nessa nova empreitada, ao lado de Laiza Dantas e Paula Hemsli, a peça ganha um novo e irônico enredo. Três artistas circenses se reencontram, acidentalmente,

em uma agência de empregos. A única vaga disponível fará com que cada um use suas melhores gags cômicas para trapacear o adversário. O diretor José Roberto Jardim ficou responsável por sofisticar as chamadas 'pistas físicas'. "Havia muitas no texto original, mas elas eram bem infantis, como quando um palhaço chuta o outro."

O próximo passo foi criar o ambiente destinado a esses 'palhaços mortos'. Com desenhos que aludem a cortinas e pica-deiros de circo, as imagens criadas são projetadas nas três telas que formam um semiquadro - a face oposta à plateia não existe e serve de entrada e saída para os atores.

Dentro desse 'cubo' mágico vale tudo. Cheio de luzes, as cenas começam e terminam com cortes secos. Os atores só têm

tempo para executar suas posições estáticas quando, em seguida, o cubo se apaga. Quando as luzes se acendem, o elenco está em outra posição. "São como os frames de um filme. O movimento típico dos palhaços fica congelado", diz Pucidônio.

Para acompanhar esse espetáculo em mosaico, os aplausos não poderiam faltar, o que, nesse caso é no singular. Durante os ensaios, o diretor usava instrumentos de percussão para marcar a transição de cenas. A sugestão do diretor musical Tiago de Mello foi substituir o instrumento manual por um som artificial. "Usei uma bateria sintética dos anos 1980 para isolar o som de uma palma", conta.

De posse do som, Mello consegue reverberar o ruído, executá-lo ao contrário e fazer outras distorções sonoras, como os glitches, sons característico de falhas de comunicação em um sistema. "É para criar a sensação de um lugar deslocado, com um som que fica suspenso." Ele conta que, com as imagens, são mais de 500 goals efetuados no espetáculo, ou seja, combinações entre áudio e imagem. Diante de tantas coisas que acontecem no palco, Mello ressalta não ver quase nada. "São mudanças muito rápidas, eu fico com a atenção voltada para as falas. Não tenho chance de parar para assistir."

Para o diretor, o cubo reforça a ideia de um não lugar, que não está sob um fuso horário convencional. "São informações estáticas que se cruzam, se acumulam e criam essa ilusão."

ADEUS, PALHAÇOS MORTOS
Centro Cultural São Paulo. R. Vergueiro, 1.000. Tel.: 3397-4002. 6ª, sáb., 21h; dom. 20h. Grátis. Estreia 15/7. Até 7/8.

Teatros

ROMÊNIA E AQUI

LUCAS NEVES
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, DE PARIS

Radiuti, cidade romena de 20 mil habitantes, é resgada de uma ponta à outra por uma estrada de ferro.

Não parece gratuito, portanto, que um filho ilustre, o dramaturgo e poeta Matei Visniec, 60, seja um homem partido ao meio, equilibrando-se entre dois idiomas (o materno e francês), duas carreiras (as de jornalista e de autor) e dois sistemas político-econômicos (o comunismo soviético e o capitalismo globalizado).

Desde não há sinais de divisão é na acolhida brasileira a Visniec: desde 2012, quando a Realizações passou a editar a obra do romeno naturalizado francês, proliferam montagens de suas peças pelo país.

Em 2014, a atriz Rogina Duarte pinçou histórias da coletânea "Cuidado com as Velhinhas Carentes e Solitárias" para compor "A Volta para Casa", sua segunda direção. Um ano antes, o bailarino Marco Mettelles encenou "Espelho para Cegos", concebido a partir de "Teatro Incomposturo", desde então, fez outras oito produções visniequianas. "Isso é difícil montar na primeira página (que li). Foi fulminante", diz o diretor. "Há nele uma visão ao mesmo tempo crua e realista da nossa experiência com o amor, a morte e o poder. As palavras são tijolos que voam através de vitrines em câmera lenta."

Essas armas retóricas, Visniec as lapidou sob a ditadura de Nicolai Ceausescu (1965-89). O regime fazia jogo duplo: liberava suas antologias poéticas, mas barrava as peças.

RENASCIMENTO

"No teatro, a crítica social era mais direta", diz o autor à **FOLHA**. "O poder não tinha medo de um cidadão que lesse uma obra contestadora sozinho. Já o teatro era mais perigoso: a emoção coletiva poderia descambar para a revolta."

Banido em 1987, o autor foi para Paris, onde pediu asilo político e passou a trabalhar na Rádio França Internacional (e permanece ali até hoje).

"Mais do que a interdição oficial, o que me amestrouva era a autocensura, a perspectiva de me transformar em 'colaborador' de um poder totalitário", conta Visniec, que, uma vez em Paris, passou a escrever em francês. "Quereria nascer em outra língua."

Renascimento que não rimou com esquecimento. Liberado da mordida de Ceausescu, Visniec voltou aos palcos o bestialdo do aparelho repressivo soviético.

A fauna de "Ricardo 3ª Estância Cancelada" (2001) inclui agentes da Seção de Identificação de Silêncios Suspeitos e do Serviço de Limpeza Ideológica de Superfície (referente a cenários, figurinos e adereços). Todos submetem o encenador russo Nikolai Meyerhold (1874-1940) — perseguido por Stalin — a interrogatórios surreais, enquanto ele tenta montar Shakespeare.

Em "A História do Comunismo Contada aos Doentes Mentais" (1998) retrata um hospital psiquiátrico de Moscou cujos pacientes só estão ali por "padecerem" de aguda descrença nos ditames de Stalin.

Romeno radicado em Paris com obra política e irônica vinculada ao teatro do absurdo, dramaturgo **Matei Visniec** vira xodó de realizadores brasileiros

Visniec lampouco tora pela cantilha capitalista. Seu "Parazzi ou A Crônica de Um Amante e Abortado" (1997), montado no ano passado no Rio, flagra a indiferença com que um grupo recebe a notícia da iminência da apocalipse: o fim do mundo que se adoece o hedonismo desavocado.

Outro traço distintivo do romeno são jogos metalinguísticos: volta e meia ele empurra para a cena colegas de ofício, encurralados ali por personagens desgostosos com a própria sorte. E assim que, em "O Último Godot" (1987), Beckett atua as lamúrias de daquele que todos esperam há décadas.

"Fico à frente não menos estivo me o autor de "Tio Vânia" com suas criaturas em "A Máquina Tchêkhov". A produção literária do romeno também brinca com figuras das letras. Em um de seus romances, os fantasmas de Hemingway, Camus, Borges e Ionesco (este um dos arquetipos do teatro do absurdo, ao qual a crítica costuma fiar Visniec) desfilam em meio a personagens encarnados.

"E há ainda mais na arca sui generis do escritor: antes de partir para a França, trabalhou em uma fábrica de borrachas gigantes que apa-

gan tudo o que lhes cruzou o caminho, palavras que aprontam um motim numa livraria... A inspiração para esse mundo delirante vem das obras surrealistas e dadaístas que Visniec devorou na juventude. Mas também do realismo fantástico latino-americano — García Márquez, Fuentes, Vargas Llosa, Sabato e outros alimentaram um certo gosto pelo paradoxo", afirma.

FERRE TROPICAL

Mas por que seu teatro virou coqueluche nos trópicos? Visniec palita: "Os dois países se encontram na mesma etapa histórica. Saíram há pouco de ditaduras. E agora que a esperança existe."

Para Edson Filho, dono da Realizações (pela qual saíram 17 volumes de peças de Visniec, além do romance "O Negociante de Inícios de Romance"), a escrita do romeno "reflete o que os brasileiros sentem neste momento de degradação de valores". O editor tem na manga outras três peças e um segundo romance do autor.

"Não é à toa que ele esteja sendo muito bem absorvido por aqui", completa José Roberto Jardim, que dirige "Adeus, Palhaços Mortos!" (já ao lado). "Ele fala muito de polarização, e vivemos uma polarização de ideologias."

A atriz e diretora Clara Carvalho, que assinou com Denise Weinberg uma montagem de "A Máquina Tchêkhov", faz um paralelo entre a "cultura feérica, perniciosa e bagunçada" do Leste Europeu de Visniec e a brasileira. "O caso é a falta de respeito são semelhantes. Já penso fazer uma peça sobre o atendimento no SUS? O Matei faria muito bem", diz ela. Rodrigo Spina, diretor de "Aqui Estamos com Milhões de Cabeças Vindos do Mar", que a Cia. dos Barulheiros criou a partir de "Cuidado com as Velhinhas...", acredita que o autor converge com "a ociosidade para ver e ouvir o outro" do Brasil atual. "Ao questionar o que restou de sua pátria, ele retrata a fase em que vivemos."

Instigante para reinstaurar alguns ordens no mundo é que a literatura se faz necessária, arrebatada Visniec: "É preciso escanear a dor do mundo. Expor o lugar dos ferimentos pode ajudar a tratá-los".

O homem partido ao meio de Radiuti encontrou o seu universo.



Visniec em frente à Rádio França Internacional, em Paris

POLÍTICA CULTURAL
Polícia invade palácio e dissolve ocupação contra governo Temer
Pag. C6

CRÍTICA TEATRO

Em adaptação do romeno, grupo faz renovação importante

CAIO LIUDVIK
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

CRÍTICA TEATRO
Em adaptação do romeno, grupo faz renovação importante

CAIO LIUDVIK
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

O interesse que a dramaturgia de Matei Visniec desperta entre atores e diretores brasileiros acaba de gerar "Adeus, Palhaços Mortos!". Com direção de José Roberto Jardim, é uma releitura de "Pequenos Trabalhos para Velhos Palhaços" (1986), última peça escrita em romeno por Visniec antes de ir à França, como exilado do regime de Ceausescu.

Trata de três clowns que por acaso se reencontram, anos depois de terem trabalhado juntos. Mas terão de disputar entre si uma única vaga de emprego, talvez a última chance para artistas que a idade avançada torna descartáveis na indústria do entretenimento.

Impõe-se um confinamento que lembra "Esperando Godot", de Beckett, e os três condenados ao inferno de "Entre Quatro Paredes", de Sartre, uma influência realçada por Jardim ao aprisionar seus "palhaços mortos" num cubo transparente em que são projetadas luzes psicodélicas, estranha alusão à euforia contracultural dos anos 1960 e 70 em contraste com o sombrio presente pós-utópico.

As vozes distorcidas, entre-meadas pelos ruídos eletroacústicos, levam a novos patamares o "fora de tom, fora de harmonia" implícito ao conceito de absurdo — marca das maiores influências de Visniec, seu conterrâneo e antecessor Eugène Ionesco.

A encenação problematiza a crise da própria arte, sob a tirania do entretenimento barato e suas apelações — como, queixa-se um dos personagens em certo momento, as peças cheias de pirotecnias e gritarias, caso desta própria montagem, que parece querer assim deliberadamente assustar, irritar, com prejuízo para a sutileza poética sugerida pelo texto original.

Após anos pesquisando tradições populares como o circo-teatro, a trupe pactua com Visniec um momento importante de renovação ao aprisionar novas estéticas e após terem, eles próprios, sido palhaços no limbo, numa crise gerada no ano passado, pelo incêndio da Kombi em que realizavam suas peças.

A encenação problematiza a crise da própria arte, sob a tirania do entretenimento barato e suas apelações — como, queixa-se um dos personagens em certo momento, as peças cheias de pirotecnias e gritarias, caso desta própria montagem, que parece querer assim deliberadamente assustar, irritar, com prejuízo para a sutileza poética sugerida pelo texto original.

Após anos pesquisando tradições populares como o circo-teatro, a trupe pactua com Visniec um momento importante de renovação ao aprisionar novas estéticas e após terem, eles próprios, sido palhaços no limbo, numa crise gerada no ano passado, pelo incêndio da Kombi em que realizavam suas peças.

A encenação problematiza a crise da própria arte, sob a tirania do entretenimento barato e suas apelações — como, queixa-se um dos personagens em certo momento, as peças cheias de pirotecnias e gritarias, caso desta própria montagem, que parece querer assim deliberadamente assustar, irritar, com prejuízo para a sutileza poética sugerida pelo texto original.

Após anos pesquisando tradições populares como o circo-teatro, a trupe pactua com Visniec um momento importante de renovação ao aprisionar novas estéticas e após terem, eles próprios, sido palhaços no limbo, numa crise gerada no ano passado, pelo incêndio da Kombi em que realizavam suas peças.

As vozes distorcidas, entre-meadas pelos ruídos eletroacústicos, levam a novos patamares o "fora de tom, fora de harmonia" implícito ao conceito de absurdo — marca uma das maiores influências de Visniec, seu conterrâneo e antecessor Eugène Ionesco.

A encenação problematiza a crise da própria arte, sob a tirania do entretenimento barato e suas apelações — como, queixa-se um dos personagens em certo momento, as peças cheias de pirotecnias e gritarias, caso desta própria montagem, que parece querer assim deliberadamente assustar, irritar, com prejuízo para a sutileza poética sugerida pelo texto original.

Após anos pesquisando tradições populares como o circo-teatro, a trupe pactua com Visniec um momento importante de renovação ao abraçar novas estéticas e após terem, eles próprios, sido palhaços no limbo, numa crise gerada, no ano passado, pelo incêndio da Kombi em que realizavam suas peças.

ADEUS, PALHAÇOS MORTOS!

QUANDO sex. e sáb., às 21h, dom., às 20h; até 7/8, no CCSP. Qua. e qui., às 21h; e de 31/8 a 10/9, no Tusp ONDE CCSP, r. Vergueiro, 1.000, tel. (11) 3397-4002; Tusp, r. Maria Antônia, 294, tel. (11) 3123-5222

QUANTO gráti
CLASSIFICAÇÃO 12 anos
AVALIAÇÃO bom ★

BLOG DO Arcanjo



<Anterior | Voltar à página inicial | Próximo >

Crítica: “Adeus, Palhaços Mortos” é uma das melhores peças do ano em SP **COMENTE**

miguelarcanjo 07/09/2016 | 11:53

Compartilhe      Imprimir  Comunicar erro



Potente, “Adeus, Palhaços Mortos” tem sessões gratuitas no Tusp – Foto: Victor Iemini

Por Miguel Arcanjo Prado

Ser descartado dói. Em “Adeus, Palhaços Mortos”, três velhos palhaços se encontram em uma sala de espera para uma vaga de emprego, na montagem do diretor José

Roberto Jardim com a Academia de Palhaços. A peça é uma adaptação do texto “Um Trabalhinho para Velhos Palhaços”, do dramaturgo romeno Matei Visniec, cada vez mais montado pelos artistas paulistanos.

Rejeitados pela indústria do entretenimento, aqueles três palhaços tentam, ali, uma última chance de subir ao palco, deixando transparecer, diante do desespero de ser aceito, toda a sua complexidade, incluindo aí a rivalidade. A reiteração da mesma história, reeditada aos olhos do público, potencializa a encenação, permitindo novas leituras, abrindo perspectivas sobre a mesma.

Em “Adeus, Palhaços Mortos”, o diretor se mostra ainda mais livre para assumir claro recado artístico, ao brincar com os gêneros teatrais, mesclando a pós-modernidade aos novos tempos líquidos em uma encenação repleta de poesia e de reflexão.

Com direção inventiva e provocadora, a obra é uma ode à carreira do artista, com seus altos e baixos e, sobretudo, seus grandes conflitos e confrontos internos.

Jardim vive profuso momento como diretor neste 2016, no qual também comandou no primeiro semestre as elogiadas peças “Chet Backer” e “Não Contém Glúten”.

“Adeus, Palhaços Mortos” conta com atuações impactantes dos três clowns em cena. Laíza Dantas, Paula Hemsí e Rodrigo Pociônio exibem precisão cênica, carisma e vitalidade em cada fala, cada gesto.

Completamente afinados, eles brilham dentro do cubo preenchido por luzes psicodélicas que serve de cenário à obra, em uma proposição de diálogo entre cenografia e iluminação, fazendo o tempo passado conversar com o presente.

Naquele limbo existencial no qual estão presos, os três velhos palhaços conseguem cristalizar toda a poesia da carreira de um artista do palco, com o sucesso ameaçado constantemente pelo fracasso. Este é o grande impacto de “Adeus, Palhaços Mortos”.

“Adeus, Palhaços Mortos” *****

avaliação: Ótimo

Quando: Quarta e quinta, 21h. 70 min. Até 22/9/2016

Onde: Tusp – Teatro da USP – Rua Maria Antônia, 294, Consolação, metrô República, São Paulo, tel. 11 3123-5233

Quanto: Grátis

Classificação etária: 12 anos

Siga [Miguel Arcanjo Prado](#) no [Facebook](#), no [Twitter](#) e no [Instagram](#).

Tags : [academia de palhaços](#) [adeus palhaços mortos](#) [blog do arcanjo](#) [josé roberto jardim](#) [matei visniec](#) [miguel arcanjo prado](#)

Teatro 'Adeus, palhaços mortos'

Memórias sombrias de uma vida circense

O nome original da peça do premiado dramaturgo romeno Matei Visniec é "Petit boulot pour vieux clown" — que, numa tradução livre, seria "Pequeno trabalho para velhos palhaços". Mas o diretor José Roberto Jardim optou por um título mais soturno, "Adeus, palhaços mortos", para a montagem que adaptou e dirige e que, depois de uma bem-sucedida temporada em São Paulo, está em cartaz desde quinta-feira no mezanino do Sesc Copacabana.

O tom sombrio reflete os aspectos angustiados da narrativa, que acompanha a saga de

três palhaços aposentados e saudosistas em busca de um emprego, interpretados pelos atores da Academia de Palhaços Laiza Dantas, Paula Hemsí e Rodrigo Pocidônio.

— É uma releitura existencialista da essência do clown — diz Jardim.

O cenário em nada lembra o ambiente formal de uma empresa (e muito menos um circo, explica o diretor), e esta sala que não pertence a um lugar determinado aparece no palco em forma de cubo, onde os personagens revivem suas histórias e angústias e que funciona como

uma tela para mais de 500 projeções.

— O cubo é inorgânico, um lugar nenhum habitado apenas pelas expectativas frustradas desses personagens, que também não são nomeados. Representam desejos e estão em busca de um lugar— explica Jardim. *(Mariana Moreira)*

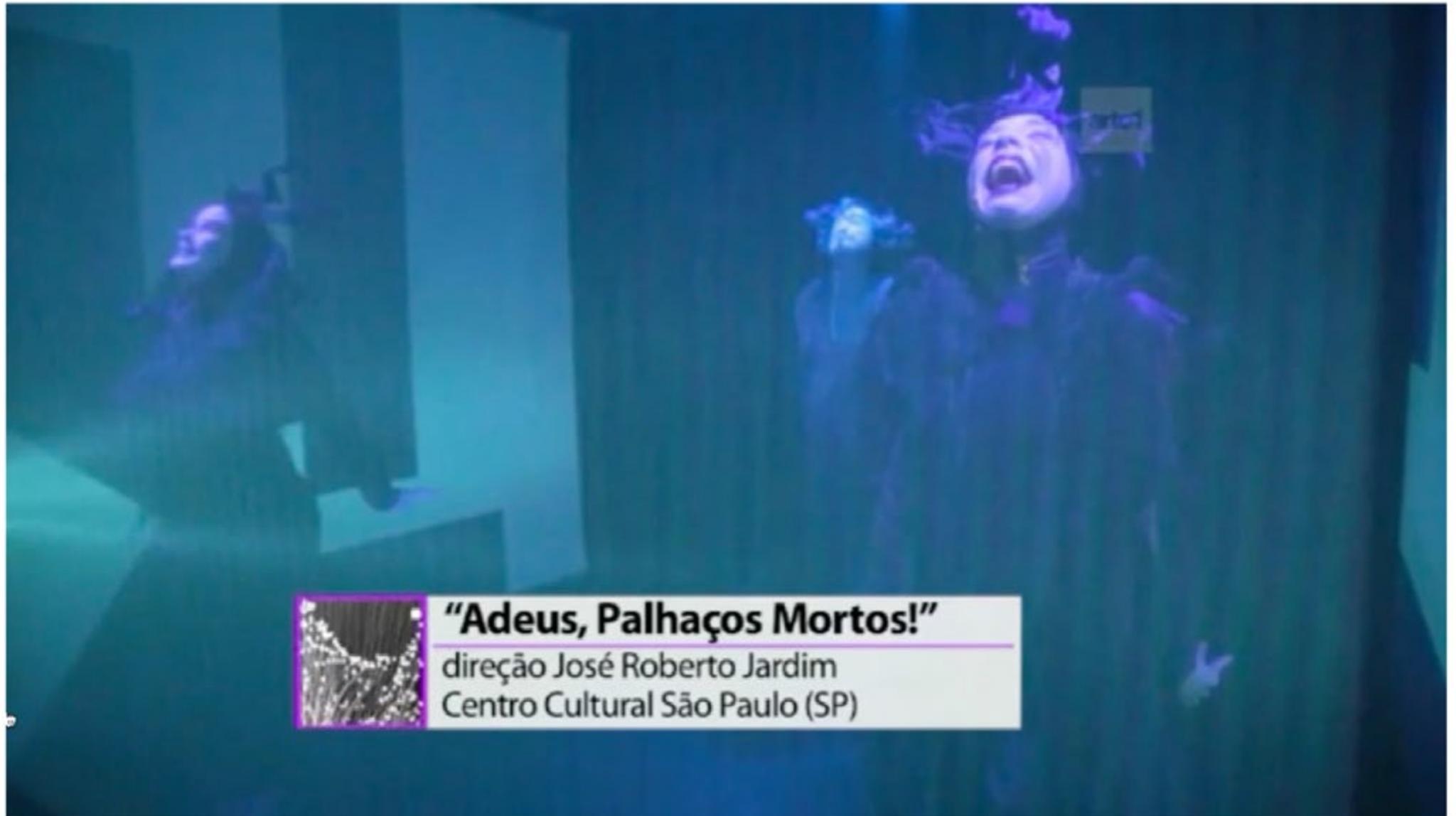
ONDE: Sesc Copacabana (mezanino), Rua Domingos Ferreira 160 (25-47-0156). **QUANDO:** Qui a sáb, às 21h. Dom, às 20h. **QUANTO:** R\$ 25. **CLASSIFICAÇÃO:** 12 anos.

DIVULGAÇÃO / VICTOR LEMINI



TV documentary about *Farewell, Dead Clowns* screened on the show “Arte1 Em Movimento” on the 13th July, 2016. Arte1 Channel.

Video Link: <https://youtu.be/j2o7gL5z-Oc>



Mundo sem volta

Efeitos visuais e consistência dramática explosivos revigoram texto de Matei Visniec em montagem da Academia de Palhaços

Teatro

Crítica

"ADEUS, PALHAÇOS MORTOS"

ONDE: Sesc Copacabana — Rua Domingos Ferreira, 160 (3816-6200). **QUANDO:** Qui. a sáb., 21h; dom., 20h. Até domingo. **QUANTO:** R\$ 25. **CLASSIFICAÇÃO:** 12 anos. **COTAÇÃO:** Ótimo

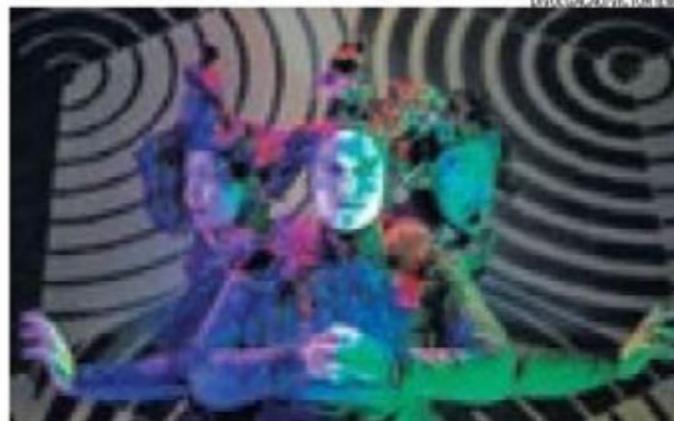
MACKSEN LUIZ

segundocaderno@oglobo.com.br

Em situação profissionalmente terminal, três palhaços atendem ao anúncio de vaga em circo, desde que sejam velhos. Decadentes e aposentados, estão à espera de serem atendidos, em meio a mútuas agressões verbais, exibindo misérias existenciais e expondo crises da arte contemporânea.

Para o romeno Matei Visniec, autor de humor absurdo, o trio vive mundos sem volta, em torno dos quais os sentidos se perderam. Na certeza cotidiana do fim, o trabalho escasseia e a criação se contrai nas vozes dissonantes de clowns de picadeiros mortos. Não há zonas de escape. Confinados ao último espaço disponível, ainda que precário, desatam lembranças saudosistas, que se provam inúteis diante da impotência de as interpretar.

Baseada em conto de Visniec, a adaptação do diretor José Roberto Jardim insufflou ar renovador e vigorante a um texto um tanto polarizado nas situações e diversionista na forma narrativa.



Rito. Laiza Dantas, Paula Hemsí e Rodrigo Pociidônio: teatro performático

A montagem do grupo paulista Academia de Palhaços criou ambientação visual, limítrofe às imagens do diretor americano Bob Wilson, e aclimatou o espaço de contracena ao universo do autor irlandês Samuel Beckett.

Em um cubo vazado, com pulsante videoinstalação (do grupo BijaRi), animações, iluminação, trilha sonora (Tiago de Mello), além de figurino (de Lino Villaventura) e visagismo (Leopoldo Pacheco) marcantes, explodem efeitos, não apenas exteriores, mas de consistência dramática. O que é visto conduz à memória de um lugar de representação, do qual restam destroços de harmonia e beleza, manchados pela incompreensão dos ruídos altos que emite e do silêncio desconcertante que provoca.

Em duas pausas, a ação é interrompida para que os atores bebam água e se dispersem junto à

plateia, em rompimento dos limites do cubo e na reiteração de cenas na volta à quadratura de origem. Esse truque teatral serve de quebra à sequência performática dos atores e torna real a visão ilusionista. No entreato revelador, o diretor contrapõe sonoridade desafiadora (são oferecidos protetores auriculares na entrada) à fúria sensorial, num embate que ultrapassa o formalismo esteticista, para alcançar a inflexão poética. Laiza Dantas, Paula Hemsí e Rodrigo Pociidônio, em qualificado trabalho corporal e vocal, são os intérpretes de rito teatral-performático que celebra, com a ironia da descrença, a perda da possibilidade de estar em um qualquer lugar. A última fala com que os atores provocam a plateia não deixa dúvidas sobre como o humor cáustico pode resumir a zombaria de personagens em fim de linha. ●

CULTURA | TAIWAN

'Adeus, Palhaços Mortos' e 'Cegos' são selecionados para festival em Taiwan

Espectáculo da Academia dos Palhaços e performance do Desvio Coletivo foram escolhidos para o World Stage Design 2017

LQ f t

Leandro Nunes
O Estado de S. Paulo
21 Dezembro 2016 | 19h33

O espetáculo *Adeus, Palhaços Mortos* foi selecionado para participar do World Stage Design 2017, uma mostra mundial de artes cênicas e tecnologia, que será realizada de 1º a 9 de julho em Taiwan, na China. A performance *'Cegos'*, do Desvio Coletivo, também está entre os convidados.

A montagem do grupo Academia dos Palhaços é uma adaptação de *Um Trabalhinho para Velhos Palhaços*, do romeno Matei Visniec e apresenta um trio de artistas circenses que se deparam com o fim de suas existências, de suas carreiras e da própria arte. Com direção de José Roberto Jardim, a peça tem como cenário uma caixa colorida com imagens criadas pelo Coletivo Bijari (indicado ao Prêmio Shell de melhor cenário) e sonoplastia de Tiago de Mello.

A performance já passou por mais de 30 cidades brasileiras, além de Paris, Amsterdam, Barcelona, Ilha da Madeira, Praga, Costa Rica e Nova York. Nesse momento, o coletivo busca alternativas para viabilizar a viagem, uma vez que o convite não inclui as passagens aéreas.

Foto: Mida Ninja/Divulgação



A performance *Cegos* em Brasília

A World Stage Design 2017 será organizada em Taipei pela Taiwan Theatre Technology Association e pela Universidade Nacional de Artes de Taipei. A cidade será a quarta a abrigar a quadrienal que passou por Toronto (2005), Seul (2009) e Cardiff (2013) desde sua criação em 2005. O tema para o evento de 2017 será *Transformação*, que pretende mostrar o poder criativo das artes cênicas.



Cena de *'Adeus, Palhaços Mortos'*, da Academia dos Palhaços

Já a performance *Cegos*, criada em 2012, traz um coro de homens e mulheres vestidos em trajes sociais, cobertos com argila e de olhos vendados que caminham por pontos estratégicos das cidades. Esse ano, o coletivo realizou intervenção em Brasília, na Praça dos Três Poderes, no Congresso Nacional e na rodoviária central.

A mostra também incluirá o *Scenofest* - uma celebração de teatro e performances ao vivo, além de oficinas e fóruns profissionais. Os outros dois candidatos ao World Stage Design 2017 incluíam Pequim, Vigan City (Filipinas). O World Stage Design 2017 também incluirá o *Scenofest* - uma celebração de teatro e performances ao vivo, além de oficinas e fóruns.



RIDER TÉCNICO

CENÁRIO

__ESTRUTURA DO CUBO__ 3,5M (L) X 2,8M (A)

__TELAS: VOIL.

LUZ

__14 LED PAR RGB SLIM ATÉ 10 CANAIS COM RESPECTIVOS CABOS DMX E DE ENERGIA.

__10 SET LIGHTS

__3 ELIPSOIDAIAS (RECOMMENDED MODEL ETC JUNIOR 2550)

__01 MESA DE LUZ (SIMPLES. SÓ PARA CONTROLAR OS SET LIGHTS DO PALCO)

SOM

__04 SISTEMAS DE MICROFONE SEM FIO (BODYPACK + TRANSMITTER) – COMPATÍVEIS COM O RANGE DE FREQUÊNCIA E HEADSETS DPA (4066 F)

__04 HEADSETS (PREFERENCIALMENTE DPA; SENÃO, SENNHEISER/SHURE)

__01 INTERFACE DIGITAL 8X8 (FOCUSRITE SAFFIRE, SE NÃO FOR ESSA, FAVOR NOS AVISAR COM ANTECEDÊNCIA)

SISTEMA DE PA STEREO (LR + SUB) [PA: MÍNIMO 400W PARA CADA / SUB: MÍNIMO 1000W MAR-CAS SUGERIDAS: YAMAHA, RCF, MEYER SOUND, MACKIE OU JBL]

RIDER TÉCNICO

__01 MESA DE SOM DIGITAL COM PELO MENOS 8 ENTRADAS E CONTROLE, CARACTERÍSTICAS DA MESA:

(4 SAÍDAS INDEPENDENTES DO STEREO (AUX, SUBGROUP OU DIRECT OUT) / EQ PARAMÉTRICO CANAL A CANAL / COMPRESSOR E GATE CANAL A CANAL / EQUALIZADOR GRÁFICO DE 31 BANDAS NA SAÍDA STEREO (PODE SER EXTERNO À MESA) / MODELOS RECOMENDADOS: YAMAHA 01V OU PRESONUS 16.4.2)

__01 MESA PARA A OPERAÇÃO DO PALCO (DEVE CABER COMPUTADOR, MESA DE SOM E DE LUZ)

__01 CADEIRA

PROJEÇÃO

__03 PROJETORES DE 6.000 LUMENS (OU MAIS) / HDMI – PREFERÊNCIA PARA MESMA MARCA E EXTREME BLACK

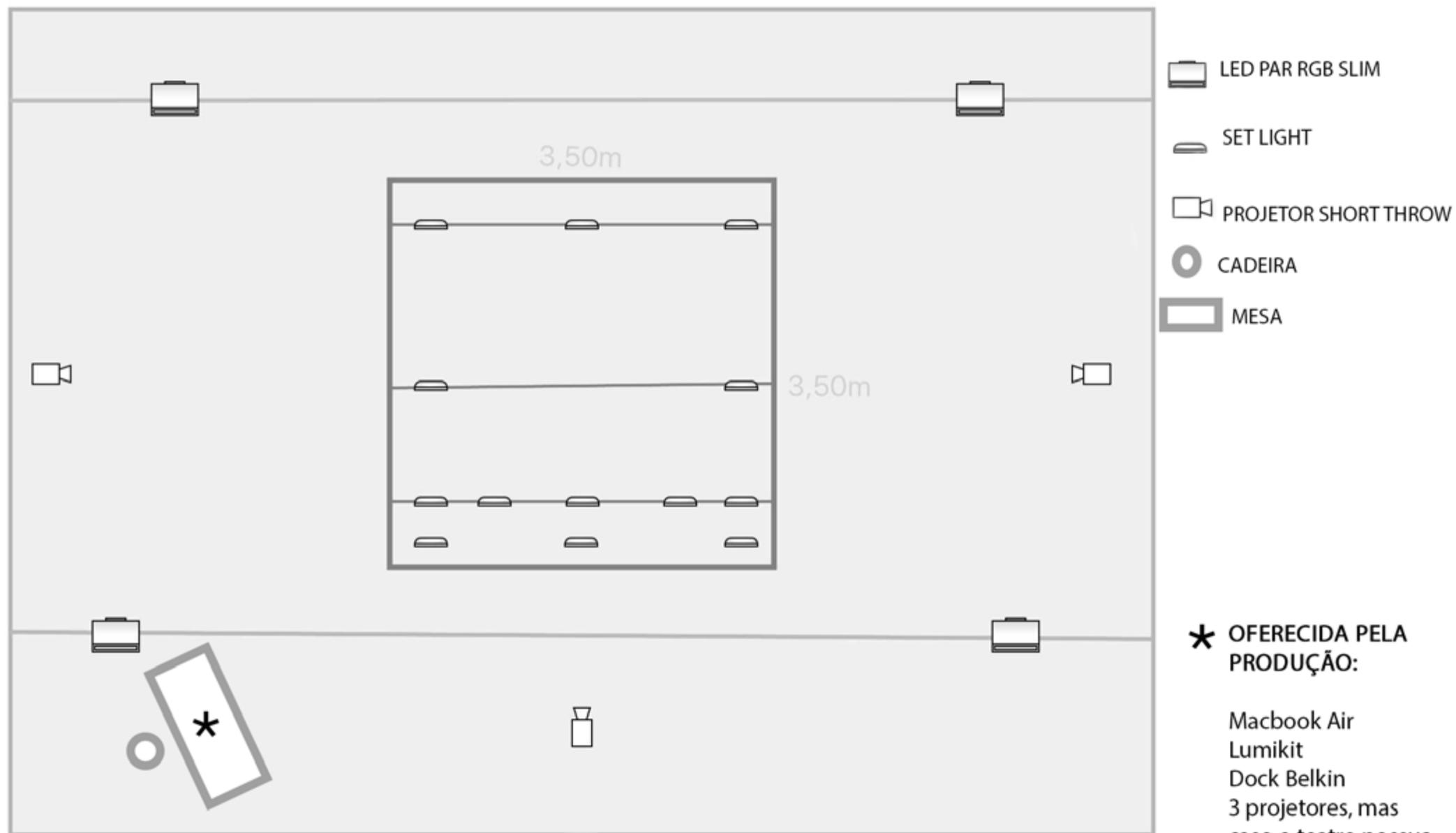
__04 ADAPTADORES: HDMI-USB TIPO C

__04 ADAPTADORES: VGA-USB TIPO C

__ CABOS DE ENERGIA E SINAL (HDMI)

ADEUS, PALHAÇOS MORTOS

RIDER TÉCNICO



PROJETOR SHORT THROW PARA AS LATERAIS: PELO MENOS 3000 ANSI LUMENS
PROJETOR FRONTAL PELO MENOS 3000 ANSI LUMENS
OS CABOS DEVEM CHEGAR À MESA DE OPERAÇÃO LOCALIZADA NO PALCO (VGA/HDMI)



UV@ULTRAVIOLETAS.COM

@ultravioleta__s

ALINE OLMOS__ (+55 11) 98799-9155

ULTRAVIOLETAS.COM